

Filosofia, Psicologia e Arte segundo Raimundo de Farias Brito

Philosophy, Psychology and Art according to Raimundo de Farias Brito

Thiago Sebastião Reis Contarato

Resumo

Neste Artigo, apresentaremos brevemente a Filosofia de Raimundo de Farias Brito e o modo como ele compreendia a Psicologia como “Ciência do Espírito”. Assim, teremos a oportunidade de fazer brevemente uma análise comparativa entre o pensamento de Farias Brito e outros pensadores europeus, como Descartes, Edmund Husserl e Sartre. Veremos que o filósofo brasileiro propõe o “método da introspecção” como sendo o único método realmente eficaz para a Psicologia, argumentando que o método positivista é limitado e não consegue capturar a essência do espírito humano. Por fim, mostraremos que ele valoriza a Arte como um importante instrumento para a análise psicológica, pois ela reflete as emoções e aspirações humanas de forma mais profunda do que os métodos experimentais.

Palavras-chave

Raimundo de Farias Brito, Psicologia, Arte, Filosofia Brasileira.

Abstract

In this Article, we will briefly present the Philosophy of Raimundo de Farias Brito and the way he understood Psychology as a “Science of the Spirit”. Thus, we will have the opportunity to briefly make a comparative analysis between the thought of Farias Brito and other European thinkers, such as Descartes, Edmund Husserl and Sartre. We will see that the Brazilian philosopher proposes the “method of introspection” as the only truly effective method for Psychology, arguing that the positivist method is limited and cannot capture the essence of the human spirit. Finally, we will show that he values Art as an important instrument for psychological analysis, because it reflects human emotions and aspirations in a deeper way than experimental methods.

Keywords

Raimundo de Farias Brito, Psychology, Art, Brazilian Philosophy.

Thiago Sebastião Reis Contarato

UFRJ

Doutor em Filosofia pela UFRJ
professorthiagofilosofia@outlook.com

Introdução

Até a modernidade, a Filosofia era baseada num aristotelismo voltado para a Teologia, mas, com a modernidade, marcada por Descartes (1983) e Kant (1980), a Filosofia voltou-se para a liberdade e a autonomia da razão. Assim como, em nome de uma proteção, muitos pais impedem a emancipação dos filhos, a tradição filosófica aristotélica e religiosa impedia a emancipação da razão, buscada por Descartes e Kant. No Brasil, Gonçalves de Magalhães (1999) assimilou esse sentido de liberdade e autonomia da razão e o relacionou com o contexto histórico do Brasil, onde pôde promover uma reforma na cultura brasileira, de modo que é considerado por alguns estudiosos (CERQUEIRA, 2004) como o fundador da Filosofia Brasileira.

No entanto, quem realmente aprofundou os pensamentos filosóficos foi Raimundo de Farias Brito, que nasceu na cidade de São Benedito, no Ceará, em 24/07/1862, e morreu no Rio de Janeiro em 06/01/1917. No Ceará, ele se formou em Direito e exerceu a função de Promotor e Secretário. Mudou-se para o estado do Pará, onde lecionou na Faculdade de Direito entre 1902 e 1909. Em 1909, passou num concurso para professor Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, onde exerceu a função de professor de Lógica pelo resto de sua vida.

Ao longo de sua vida, escreveu muitas obras, tais como A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano de 1895, A Filosofia Moderna de 1899, Manifesto do Corpo de 1900, Evolução e Relatividade de 1905, A Verdade como Regra das Ações de 1905, A Base Física do Espírito de 1912, O Mundo Interior de 1914 e outros. Para este artigo, nós nos basearemos principalmente neste último livro, que mostra o seu pensamento mais consolidado, pois em sua vida ele teve ao menos duas fases: a primeira fase ocorreu quando seguia filósofos racionalistas modernos e a segunda fase, mais criativa, quando passou a seguir a sua própria maneira de ver o mundo, a qual será apresentada nesse artigo.

Vale destacar que Raimundo de Farias Brito viveu antes de a Psicanálise de Freud (dentre outros) se estabelecer e formar as bases da Psicologia Contemporânea. Dessa forma, não havia ainda uma definição clara sobre essa “ciência da mente” ou “ciência do espírito”, o que dava uma maior liberdade para o nosso filósofo brasileiro discutir a própria definição de “Psicologia”, demonstrando discordância com as definições dadas pelos positivistas e materialistas crescentes em sua época. Como ainda estava em discussão, é fácil observar a “liberdade” com que filósofo cearense trata desse assunto. Discutir esse assunto estava em alta naquele momento e ele demonstrou estar bem antenado com as novidades. Ele aproveitou a oportunidade e apresentou o seu posicionamento sobre essa questão.

Como veremos, em vários momentos, Farias Brito defende uma certa primazia de uma maneira até exagerada da Psicologia sobre as outras áreas, o que pode parecer que ele é um psicologista, mas isso não é correto. O psicologismo é a corrente filosófica que sustenta que tudo deve ser descrito em termos de estados mentais subjetivos. Veremos claramente que ele reconhece os avanços do positivismo e do materialismo, mas identifica até onde ele se aplica. O filósofo cearense nunca tentou reduzir todos os dados objetivos da realidade extramental como se fossem meros estados mentais, mas lutava para evitar o reducionismo materialista, onde tudo é reduzido à matéria. A mente é reduzida ao cérebro segundo os materialistas (positivistas) e isso era inaceitável para ele.

Portanto, por essa razão, ele defendeu que o método matemático-experimental não dá conta do espírito, sendo necessário outro método, o método da introspecção. Assim, tornou-se um grande crítico contra psicologia experimental, acompanhando o trabalho de Henri Bergson (1988), intitulado “Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência”, o qual

buscou defendê-lo no Brasil, acompanhado obviamente de todas as suas próprias interpretações e adaptações. Além disso, também teve um papel importante no Brasil, sendo até mesmo exaltado como um opositor do positivismo de sua época. Estes positivistas, por sua vez, o acusavam de não levar em conta a cultura brasileira e os problemas sociais de sua época, seguindo o pensamento de terras longínquas e distantes da realidade brasileira, o que veremos ser claramente falso.

As Bases Filosóficas de Raimundo de Farias Brito

Imaginando que um filósofo pode vir a ser desconsiderado de modo preconceituoso apenas por ser mais antigo que a Psicologia atual, gostaria de propor uma breve reflexão sobre a Filosofia, pois ela não trata de razões ou opiniões particulares, de cada ser humano ou de um determinado contexto histórico. Se fosse assim, até mesmo um homem mal-intencionado faria filosofia, pois ele tem a sua razão particular e possui o seu contexto particular. Sem contar que caso dentro de uma comunidade não haja algum conhecimento universal, não seria possível o diálogo entre duas pessoas. Afinal de contas, cada um falaria uma língua diferente com pensamentos diferentes e não haveria comunicação. Colocando isso em termos de contextos históricos, podemos dizer que se cada contexto histórico possuísse apenas pensamentos diferentes, então nós não aprenderíamos nada com iluministas, somente porque eles são europeus e de outra época.

É verdade que o contexto histórico é útil para a compreensão dos pensamentos filosóficos, mas esses pensamentos podem servir para nós independentemente do tempo ou do contexto histórico em que estivermos. Considerando essa forma de pensar Filosofia, é possível identificar que o filósofo brasileiro alcança algo que pode ser considerado universal, isto é, independentemente de seu momento histórico, principalmente quando ele antecipou pensamentos posteriores a ele do existencialismo e da fenomenologia. Isso não significa que desconsidere o contexto social em que vivia, muito pelo contrário, trata-se da busca por encontrar soluções universais que também abrangessem para os problemas sociais que existiam em sua época.

Além disso, embora seja focado na razão, Raimundo de Farias Brito não negava totalmente os dogmas (verdades de fé que devem ser aceitas) porque mesmo a matemática e a lógica partem de princípios e axiomas que são indemonstráveis pela razão. Os princípios mais fundamentais da razão, tais como o princípio de identidade e princípio de não contradição, não podem ser demonstrados pela razão. As tentativas de demonstrá-los sempre possuem alguma falha ou caímos em alguma redundância. A razão humana simplesmente precisa aceita-los “por fé”, caso contrário, não seria possível produzir raciocínios posteriores. De uma maneira similar, embora não totalmente igual, isso acontece com a aceitação (nem que seja por suposição) dos dogmas religiosos, pois sem os dogmas não seria possível raciocinar a respeito dos assuntos religiosos.

Neste contexto, o mais importante para a Filosofia de Farias Brito era a razão. Até mesmo as questões religiosas precisavam ser pensadas racionalmente. Assim, há quem o considere como uma espécie de “racionalista”. Por outro lado, o seu temperamento e sua experiência de “crise” diante de diversas situações no Brasil podem fazer com que ele receba o título de “existencialista”. Na verdade, podemos dizer que ele tentou unir essas duas correntes, podendo receber a designação paradoxal de “existencialista racionalista”, como Francisco Elias de Tejada (1953, p. 53-54) o considerou:

Se alguém me pedisse para descrever concretamente em uma frase a minha definição do pensamento britiano, eu o reduziria a duas palavras

aparentemente contraditórias, mas que naquele pensamento se abraçam expressamente, pois diria que foi um filósofo que professou um existencialismo racionalista. Para defini-lo assim, bastaria considerar, por um lado, a angústia metódica com a qual ordena tudo em torno da visão de dor e, por outro lado, e jamais quis tomar remédios para as suas dores do coração, nem consentiu em se separar dos caminhos da razão. O que ele sonhava constantemente era falar, não aos sábios, mas sim "à multidão anônima e sobretudo aos que sofrem" (BRITO, a Base Física do Espírito, p. 31). Aos que sofrem, mas com a linguagem da razão. Nesta aparente contradição, reside a explicação para atribuir a Farias Brito o que chamamos de existencialismo racionalista (Tradução nossa do espanhol, grifo nosso)

Diante desse texto acima, primeiramente, merece destaque a expressão "angústia metódica", pois "angústia" é um dos conceitos fundamentais do existencialismo. A angústia acontece como resultado mesmo da liberdade humana, pois quanto mais opções temos, mais livres ficamos, ao mesmo tempo em que ficamos também mais angustiados. Por exemplo, quando nós vamos a um restaurante, ficamos diante de muitas opções de comidas e pratos variados. O problema é que, se o restaurante for verdadeiramente bom, qualquer prato será maravilhoso. Assim, quanto mais opções de comidas forem oferecidas, mais liberdade a pessoa tem, mas, ao mesmo tempo, na hora de decidir, pelo fato de qualquer prato ser maravilhoso, a angústia toma conta e a pessoa entra em crise. Quanto mais opções, mais liberdade, mais angústia, mais crise e mais sofrimento. Supondo essa compreensão, o filósofo brasileiro precisava saber lidar com a liberdade crescente das pessoas que já estava acontecendo naquele período em que ele vivia, conhecido como a "Belle Époque" ("Bela Época"), entre 1870 e 1914.

Para lidar com os sofrimentos humanos, Farias Brito oferece o caminho da razão. A palavra "método" vem do grego e significa justamente "caminho". Que caminho eu devo percorrer? Que passos eu devo realizar para tomar decisões diante de tantas opções novas que estavam surgindo e que parecem igualmente maravilhosas. A razão nos propõe uma sequência de passos que nos permitiria lidar com essas dificuldades. É por esta razão que o nosso filósofo brasileiro pode ser enquadrado como uma existencialista racionalista.

O norte-americano Fred Gillette Sturm (1962) se dedicou a estudar as obras de Farias Brito chegando a afirmar que era "quase um seu discípulo" no IV Congresso Nacional de Filosofia, que aconteceu em Fortaleza, Ceará, em novembro de 1962, em homenagem ao centenário do nascimento de Raimundo de Farias Brito. Nesse congresso, Sturm fez um paralelo dos motivos existencialistas com o pensamento britânico e comparou a sua metodologia não exatamente com o "racionalismo", mas sim com aquilo que viria a ser chamado de "fenomenologia" de Husserl. Essa é uma descrição mais precisa, pois o filósofo brasileiro não se prende apenas aos aspectos formais da razão, como veremos, mas se dedica também aos fenômenos internos do ser humano. Sturm descreve nesses termos Farias Brito:

De fato, — é a minha tese — há similaridades notáveis entre o pensamento britânico e dois movimentos importantes no mundo filosófico contemporâneo, e uma leitura nova das suas obras seria interessante e proveitosa para aderentes destes dois movimentos. Refiro-me à filosofia existencialista e à fenomenologia (STURM, 1962, § 12).

Além disso, observou que havia no pensamento britânico uma preocupação profunda a respeito dos problemas políticos, sociais e morais no Brasil. Brito interpretou a crise pela qual o Brasil passava como a crise da

cultura ocidental. Com esse pensamento, ele tentou estabelecer a Psicologia, buscando a solução para a crise brasileira, que o angustiava, o que teve repercussões possíveis para os “homens em geral”, sejam brasileiros ou não. Ao longo desse artigo, buscaremos apresentar de modo inicial e introdutório as reflexões de filósofo cearense a respeito da Psicologia e da Arte.

A Arte contra o Materialismo na Psicologia Positivista

Uma das maiores críticas feitas ao materialismo por Brito diz respeito à psicologia experimental de sua época (BRITO, 2006, Cap.1). Na segunda metade do século XIX, a psicologia experimental tinha como método de estudo as descrições das partes do cérebro e de suas respectivas funções, com experimentos e tentativas de medir as sensações e os atos psíquicos. Para Farias Brito, usando dessa metodologia, ninguém consegue falar acerca da alma (ou mente) propriamente dita. Não se pode entender o espírito apenas a partir da matéria e de seus mecanismos. Segundo ele, esta seria uma psicologia sem alma, morta, sem valor.

Uma coisa andaram acertadamente os psicólogos modernos no qualificativo que deram à sua ciência de “Psicologia sem alma”. Realmente a psicologia dos tratados, feita nos laboratórios de experimentação, com suas descrições anátomo-fisiológicas, com seus quadros demonstrativos, com suas tentativas de medida das sensações e da duração dos atos psíquicos etc., é, não há como negá-lo, e forçoso é reconhecer que a expressão é justa e precisa, “uma Psicologia sem alma”. E isto equivale a dizer uma Psicologia morta; o que significa: uma Psicologia que nos não instrui, nem edifica, que nada nos diz sobre a verdadeira significação da energia que reside em nós (BRITO, 2006, p. 77).

Já a arte pode ser considerada um importante instrumento para a análise psicológica (BRITO, 2006, Cap.1). De fato, seria muito mais instrutiva uma psicologia dos poetas que, ao descreverem seus personagens, mostram suas emoções, lutas e aspirações. Esses personagens, em si mesmos, são considerados por Farias Brito como fenômenos psíquicos, já que são manifestações da alma do homem e de sua imaginação. Lembrando que “fenômeno” para Kant (CALABRIA, 2006) é exatamente aquilo que se mostra para nós. Assim, podemos dizer que é principalmente pela arte que as emoções e aspirações das pessoas de uma determinada cultura se manifestam para os estudiosos, de modo que essas manifestações artísticas deveriam ser levadas a sério pelos psicólogos.

Muito mais instrutiva é, decerto, a Psicologia dos poetas e dos romancistas, que jogam, é verdade, com personagens fantásticas, mas inspirados na observação dos fatos e criados pela imaginação sob a pressão mesma da vida, senão reais, pelo menos possíveis, sendo de notar que é sempre das próprias paixões, das próprias lutas e sofrimentos, dos próprios sonhos e aspirações, que nos dá o artista, em seus personagens, a descrição viva (BRITO, 2006, p. 77-78).

É importante colocar aqui que os personagens criados pela nossa imaginação, bem como suas aspirações, não se confundem com o nada, isto é, como se nada fossem. Essas aspirações possuem uma existência, ainda que seja só na mente humana. Considerando todo esse âmbito interno da mente, não faz sentido buscar explicar esse modo de existência desses personagens e aspirações humanas de modo meramente objetivo e mecânico, considerando apenas o funcionamento dos nossos neurônios.

Diante disso, podemos dizer que, embora possam se manifestar a partir da linguagem, de gestos e de símbolos, estes personagens são interiores, ideais e subjetivos em cada ser humano. Há, assim, na significação da arte, uma realidade puramente interna na alma, a qual não poderá ser explicada simplesmente pela proporção, pela medida ou por outros processos externos. É esse elemento misterioso de nossa mente que é estimulado e expressado pela arte, isto é, quando nos deparamos com uma obra de arte. A arte estimula os sentimentos profundos que dormiam em nós. Sobre essa Compreensão, declara Farias Brito:

Os artistas têm deste fato a clara compreensão. Mas os psicólogos de gabinete, não; preocupados com a ideia de dar a interpretação objetiva dos fatos psíquicos, deslocam os dados naturais do problema, e tentam uma coisa em verdade impraticável: – localizar o que é independente do espaço e não se pode conceber como corpo, traduzir na linguagem dos fatos objetivos o que só se pode explicar e compreender como modificação puramente interna, como fato subjetivo, numa palavra: objetivar a consciência (BRITO, 2006, p. 77-78).

Os artistas têm boa compreensão disso, mas muitos psicólogos de sua época desconsideravam esse importante aspecto da mente humana. Estes psicólogos materialistas buscavam explicar de modo corporal o que, por definição, é incorpóreo, além de tentar localizar no espaço o que não ocupa espaço. Eles tentam objetivar o que é subjetivo, a saber, tentam objetivar a consciência. O máximo que poderiam fazer é simbolizar os dados dessa consciência, porém isso não seria mais uma obra científica e sim uma obra artística. É desse modo que Farias Brito (2006, Cap.2) expõe a atitude dos psicólogos da escola experimental. Sempre que aparece algum fato de difícil explicação estes psicólogos da escola experimental suspendem a questão e são obrigados a confessar a sua impotência diante de tais problemas. Isso ocorre porque os fenômenos psíquicos, sejam encarados de modo biológico ou sociológico, pertencem ao grupo dos fatos mais complexos na classificação positivista.

Se for encarada apenas desse modo materialista, a psicologia acaba por ser bastante rudimentar e limitada, de maneira que muito tardiamente ela viria a estabelecer-se como ciência propriamente dita nesses moldes positivistas. Na medida em que busca estudar fenômenos de difícil explicação e possui projetos sem resultado, no final do século XIX, a Psicologia era uma ciência imperfeitíssima que ainda estava toda por fazer, sem método que a satisfaça e sem a compreensão do seu objetivo, destino e aplicações. Os psicólogos dessa linha, como William James (JAMES, 1983), importante psicólogo da escola experimental, sentem que suas explicações são provisórias. Assim, Farias Brito considera natural que façam uma “psicologia sem alma”.

Os psicólogos modernos, em particular os psicólogos da escola experimental, fazem desta questão da alma uma questão de pura fisiologia, e é assim pelo exame átomo-fisiológico e pela análise histológica do cérebro e do sistema nervoso que procuram descobrir a alma. Servem-se para isto de toda a sorte de instrumento e de máquinas delicadíssimas. E como decompõem o organismo e submetendo-o à prova das mais engenhosas investigações, nenhuma atividade interna, de caráter subjetivo, se faz visível à luz dos aparelhos, concluem daí que não existe alma, e é, deste modo, pela atividade mesma do corpo que pretendem explicar a energia psíquica. E foi daí que se originou o pensamento de uma Psicologia sem alma. Eu segurei outro rumo (BRITO, 2006, p. 383).

Diante disso, podemos dizer que a Psicologia precisava rapidamente tomar um novo rumo com um novo método. De modo nenhum, a busca por novos métodos quer dizer que as análises da psicologia empírica, sensualista e de associação, sejam sem valor. Não podemos esquecer que a consciência também é condicionada pelos sistemas nervosos. Contudo, as análises dos sistemas nervosos não completam todo o campo de pesquisa da Psicologia, mas podem ser consideradas como uma espécie de introdução que precisaria ser complementada posteriormente com novos métodos.

Em outras palavras, temos um saber limitado a respeito do que ocorre na mente quando consideramos os eventos mentais e isso se dá de modo indireto, isto é, através dos neurônios, buscar indiretamente saber sobre estados mentais. Considerando que seja indireto o seu serviço, entenderemos que a função exata destes métodos materialistas não passa de um “reconhecimento preliminar” para depois sabermos o que realmente interessa, que é estudar a mente propriamente. Sendo assim, podemos considerar esses métodos materialistas, desde que lembremos sempre que o que é condenado nesses métodos é a redução de todos os dados mentais a meros mecanismos fisiológicos.

Portanto, o filósofo brasileiro considera que esse método da psicologia experimental tem um caráter meramente provisório, de modo que ele é válido como método introdutório. Contudo, na medida em que tenta reduzir o psíquico ao material, seus métodos preestabelecidos se tornam viciosos e os resultados são infrutíferos. Para resolver esse problema e para entrar na consciência mesma, é necessário outro método que satisfaça as necessidades que envolvem a psicologia propriamente dita. Farias Brito (2006, Cap.3) defende que tal método seria o que ele chamou de “método da introspecção”.

O método da introspecção de Farias Brito seguiria nos seguintes passos:

1) Reconhecer, por raciocínios semelhantes ao de Descartes, a seguinte verdade:

“... eu penso logo existe meu pensamento. E se conheço alguma coisa de mim mesmo e do mundo é somente pelo que sinto em minha consciência” (BRITO, 2006, p. 370).

2) Logo em seguida, é necessário fazer um passo chamado de “introspecção direta”, onde deve-se ter uma visão interna de si mesmo buscando obter o máximo de dados possíveis sobre os fenômenos psíquicos e com que eles estão relacionados:

“Eu sou uma consciência, eu sou um ser pensante, eu sou um espírito – eis, pois, para mim, em que consiste toda a minha existência. E isto sei por que sinto; logo por uma espécie de visão interna, por observação interior, ou melhor, por introspecção direta: O que só é possível tratando-se de minha própria consciência” (BRITO, 2006, p. 370).

3) Por fim, é necessário fazer um passo chamado de “introspecção indireta” para obtermos os dados fenomenológicos de outras mentes além da nossa própria:

“Como, porém, poderei penetrar a essência íntima dos outros homens e também a dos animais? Isto, porém, conheço somente porque, observando os seus movimentos, vejo que só se podem explicar como estando em correspondência necessária com sentimentos e ideias análogas às minhas. É o que eu chamo introspecção indireta. E significa isso que, tratando-se dos outros homens, só os posso apreciar e observar através do que se passa na minha própria consciência” (BRITO, 2006, p. 370).

Esse último passo é claramente impreciso, pois nunca se sabe há mesmo uma correspondência entre os meus sentimentos/ideias e aquilo que o outro demonstra nos comportamentos. Só o que consigo com certeza são os comportamentos, mas nunca saberei de fato o que há no interior da mente do outro. É possível que haja sentimentos que o outro tem e que eu não tenha. Um homem nunca saberá o que é o estado mental da tensão pré-menstrual, por exemplo. Assim também, é possível que alguém use de sua liberdade e capacidade criativa para me enganar, apesar de que a experiência longa e documentada de vida poderia minimizar essas situações, como quando começando a descobrir alguns sinais sutis que a pessoa deixa transparecer quando está enganando. De qualquer forma, não tem outro jeito de recolher dados genuínos da “Psicologia” como “Ciência do Espírito”:

E é só assim que posso conhecê-los, porque a consciência é, para cada um, um absoluto, um todo fechado e impenetrável. Nem há comunicação possível entre duas consciências, a não ser por meios externos: penetrar uma consciência na outra é impossível. “Entre um ser consciente e outro”, diz Jousain, “há um abismo”. Toda a consciência, considerada individualmente, é irreduzível e, como a mônada de Leibniz, não tem janelas. (...) E eu não poderei, por modo algum, sair fora de minha consciência para penetrar numa consciência estranha, nem consciência alguma poderia jamais penetrar diretamente no que se passa no fundo de minha própria consciência (BRITO, 2006, p. 371-372).

Observa-se nesse processo defendido por Farias Brito uma intenção de se trabalhar diretamente com os “fenômenos interiores” da mente dos seres humanos. É apenas trabalhando dessa maneira que um psicólogo conseguirá ter uma “ciência do espírito”, o que é bem diferente da psicologia experimental que analisa o cérebro ou os hormônios, o quais são meramente materiais. Nesse aspecto, já notamos uma clara semelhança com a Fenomenologia de Husserl.

Agora, podemos fazer uma comparação com a apresentação do Fred Gillete Sturm (1962) no Congresso Nacional de Filosofia, sobre as três psicologias de Farias Brito. Como já foi tratada antes, a “Psicologia experimental”, materialista e “positivista” é uma pseudopsicologia para o filósofo brasileiro. Contudo, uma vez que essa psicologia experimental tem uma determinada importância para, pelo menos, introdutória e auxiliar para a psicologia propriamente dita, como afirma muito apropriadamente Sturm, este comentador acrescenta também que esta pode ser correspondente à “Psicologia Empírica” de Husserl (1976).

Ainda segundo Sturm, a “Psicologia do Espírito” de Farias Brito pode ser comparada com a “Psicologia Fenomenológica” de Husserl na medida em que, utilizando o método da introspecção, o pesquisador adquire “experiência”. Esse ponto da “experiência” é importante porque ela não é visto apenas como sensitiva, isto é, captada pelos 5 sentidos, mas também pretende abarcar todo tipo de percepção, o que incluiria a introspecção. Esse método da introspecção se aproxima, assim, da fenomenologia, como Gillete Sturm pretendia defender, pois a experiência é a respeito de todos os fenômenos, no caso, psíquicos.

Quando Farias Brito diz “Torna-se assim possível fazer descrições empíricas” (BRITO, 2006, p. 100), ele quer dizer que a partir da introspecção dos fenômenos psíquicos não se tem experimentações num nível material, como pressupõe a ciência positivista, pois assim seria uma pseudopsicologia, mas sim se trata de experimentações num nível fenomenológico. Desse modo, é através da introspecção direta e indireta que é possível formular princípios universais e sistemáticos, que são importantes para a constituição de uma verdadeira ciência. Como exemplo

dessa verdadeira ciência, poderíamos citar a Lógica, que desde Aristóteles e passando por Frege, constitui-se como uma ciência exata, cuja comprovação viria através de experimentações num nível fenomenológico consciência humana internamente.

Por fim, além desses dois tipos de Psicologia, Sturm apresenta também a “Psicologia Transcendente”, que corresponderia a “Fenomenologia Transcendental” de Husserl. Podemos dizer que ainda se trata de uma “psicologia” porque ainda trata da natureza do espírito, apesar de que esta natureza do espírito está em relação com o todo universal da realidade. Na verdade, a partir de um determinado ponto, Psicologia Transcendente também retorna para as coisas da realidade, como um objeto fenomenológico, onde pode tratar da própria realidade em sua totalidade. Assim, ela se confunde com a Metafísica, pois é nesse âmbito que o filósofo cearense pretende resolver os problemas ontológicos, isto é, usando a psicologia para interpretar a realidade em si.

Contudo, a psicologia e seus métodos não bastam para conhecermos bem os objetos dessa “psicologia transcendente” porque, como Brito afirma, “é necessário recorrer a outras fontes de indagação e a todos os recursos da lógica e do raciocínio” (BRITO, 2006, p. 100). Dando ênfase ao termo “lógica” dessa citação, podemos compreender do que se trata. De fato, depois da dura crítica kantiana (LEBRUN, 1970) à Metafísica tradicional, muitos consideravam a Metafísica como extinta da ciência, dentre eles estavam principalmente os positivistas e os marxistas. Contudo, a partir da Lógica Modal e dos mundos possíveis de Saul Kripke (1980), a Metafísica retornou com novos ânimos, os quais foram desenvolvidos posteriormente da década de 1970 em diante entre os filósofos analíticos.

Psicologia como uma “Ciência do Espírito”

Diante disso, podemos dizer que Raimundo de Farias Brito se preocupa com a definição de “psicologia”, entendendo-a como a “ciência do espírito” que, manifestado pela consciência, é capaz de sentir, pensar e agir. Quanto a essa consciência, não importa se é apenas material ou não. O questionamento a respeito do estatuto ontológico da consciência não entra em questão nesse primeiro momento. O que importa é considerar essa realidade em si mesma como um princípio que não é só paciente, mas também é agente, de modo que é capaz de dominar e modificar as coisas ao redor, como uma força criadora. Essa ciência é a única em seu gênero, necessitando claramente de método, de princípios e de objetivos próprios.

Assim, mesmo que Farias Brito tenha alguns motivos antirreducionistas de que a mente não se reduz ao cérebro, gostaria de propor ao leitor que não se prenda a classificar o filósofo em termos das visões materialistas, espiritualistas, fenomenalistas e outras, porque as divergências dessas visões são muitas das vezes meramente aparentes e não reais. Na verdade, frequentemente, muitos princípios, em linhas capitais, são comuns para todos os sistemas, fazendo com que eles reconheçam os mesmos deveres fundamentais com a soberania do espírito e com a defesa da verdade. Os alicerces são os mesmos, mas cada um levanta o seu próprio monumento. Nesses alicerces está o conceito de “espírito” britense que é base para os pensamentos, isto é, princípio dos princípios.

Para descrevermos quais seriam esses alicerces, precisamos lembrar que a dita “ciência do espírito” se baseia nos primeiros princípios do conhecimento e da ciência, de modo que ela pode ser considerada como a “ciência das ciências”. Neste ponto, surge uma questão que desafia até mesmo os céticos, pois negar ou duvidar da consciência já é um ato da consciência, como já pensava antes René Descartes quando defendia que quando duvidamos não se pode duvidar de que duvidamos. Se eu duvido, eu penso. “Penso, logo existo” (DESCARTES, 1983), isto é, existo como uma

“coisa pensante”, o que é bem próximo da consciência aqui defendida por Farias Brito. Será na consciência pensada nestes termos que ocorrerá os fenômenos do espírito.

Façamos uma pequena digressão, pois é possível elaborar uma crítica contra Farias Brito acusando-o de sustentar o psicologismo, mas isso está completamente equivocado. O psicologismo sustenta um posicionamento muito otimista onde a “Psicologia” seria “mãe de todas as ciências”, pois todas estas ciências seriam desenvolvidas por cientistas que seriam guiados pelos seus estados mentais psicológicos. Em resumo, se isso for verdade, por exemplo, a “lei da gravitação universal” nada mais seria do que um estado mental primeiramente pensado por Isaac Newton e que todos nós compartilhamos, de modo que não haveria nenhum padrão real na natureza fora de nossas mentes que seria a lei da gravidade. Em outras palavras, a Psicologia não estaria gerando a ciência do mundo como uma “mãe da Física”, mas estaria engolindo a Física, tornando-a uma mera parte interna da Psicologia. O movimento do psicologismo parecia estar se popularizando no século XIX e XX, de modo que alguns filósofos combateram o movimento do psicologismo, como foi o caso de Gottlob Frege, Edmund Husserl e até Jean-Paul Sartre, os quais representam respectivamente a Filosofia Analítica, a Fenomenologia e o Existencialismo, as três maiores linhas de pensamento contemporânea.

Neste contexto, na medida em que possuía pensamentos semelhantes a esses três filósofos, é evidente que Raimundo de Farias Brito também fez oposição. De fato, a “ciência do espírito” proposta por ele é a mais velha de todas as ciências, existe desde quando começou a existir o ser pensante, o homem, encontrando a sua expressão na máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo”, presente no templo de Delfos. Como disse Farias Brito: “... existiu sem dúvida psicologia, antes de existir matemática, antes de existir física ou química, porque pensar, só por si, é já fazer teoria psíquica, e agir, só por si, é já fazer dessa teoria aplicações práticas” (BRITO, 2006, Cap.3). Contudo, isso somente quer dizer que, para o ser humano, o pensar de modo simples sobre si mesmo e sobre sua prática cotidiana antecede o pensar técnico das ciências. Quando conhece a si mesmo, o homem modifica-se na prática, pois esse conhecimento passa a fazer parte de si, influenciando no governo de si. Que a psicologia tenha vindo antes historicamente não quer dizer que estamos negando qualquer área posterior. O filósofo brasileiro não queria reduzir todo o saber à uma mera “parte da Psicologia”. Todas as áreas são independentes e se complementam mutuamente. Só o que o Farias Brito queria era defender justamente a identidade e a independência da própria Psicologia frente as outras áreas.

As ciências que estudam a matéria, tais como a Biologia, Neurologia e a Química, devem reconhecer que há, além de si mesmas, uma “ciência do espírito”, que não é uma ciência de ação, mas de governo. O homem não deve só dominar a natureza (tal como se faz nas ciências exatas), mas também deve dominar a si mesmo (que é o objetivo das ciências humanas). Para buscar dominar a natureza, basta para o ser humano alcançar a “ciência da matéria”, mas para ser capaz de dominar a si mesmo, o ser humano precisa também e primariamente da “ciência do espírito”. É importante acrescentar que o domínio de si mesmo deve prevalecer sobre o domínio da natureza, pois quem não domina a si mesmo pode destruir a natureza. Além disso, dependem do domínio de si a ordem e a disciplina, essenciais para o progresso das outras ciências. Um cientista que não domina as suas paixões, preconceitos e emoções, acaba por ser muito parcial nas suas pesquisas. Portanto, observa-se com isso que a ciência do espírito é muito importante para todas as ciências, podendo ser considerada como base para as outras áreas do conhecimento.

A ênfase na razão e no domínio de si podem parecer cartesianos demais, mas tal pensamento britiano seria diferente da mentalidade

cartesiana, pois Farias Brito, inicialmente, desenvolve essa “ciência do espírito” relacionando-a exatamente com a Arte (BRITO, 2006, Cap.4). Assim, ele defende que a arte consiste no poder que o homem tem de produzir meios para aperfeiçoar a sua própria natureza. Quando a arte é tomada para o seu uso e bem-estar, trata-se de uma “arte útil”, mas quando é para apenas emocionar-se agradavelmente, trata-se da “arte estética”.

A arte, em sua significação mais ampla, consiste nisto: no poder ou aptidão, que pertence ao homem, do servir-se de meios ou de empregar processos no sentido de melhorar e aperfeiçoar as condições da natureza, para seu uso e bem-estar, ou apenas para emocionar-se agradavelmente (BRITO, 2006, p. 90).

Sendo assim, podemos dizer que a “arte útil” e a “arte estética” diferenciam entre si pela sua finalidade, enquanto a primeira tem uma finalidade externa às emoções, a segunda tem uma finalidade interna nas próprias emoções. A situação em que uma pessoa usa um quadro para enfeitar a casa é diferente da situação de uma pessoa que tem um quadro na sua casa para se lembrar de acontecimentos da sua vida (como um casamento) ou qualquer situação que desperta emoções ou aspirações internas num indivíduo.

Assim definido o conceito, ficam compreendidas, ao mesmo tempo, as artes úteis, e as artes de efeito puramente estético ou belas-artes. A estas últimas parece, segundo alguns, inteiramente estranho todo e qualquer pensamento de utilidade, e lembro-me de ter visto em certa parte, se me não engano em Spencer, esta definição: o belo é o que agrada sem ser útil. Aos que assim se manifestam, escapa a percepção do interesse superior da arte. O belo não é o que agrada sem ser útil, mas o que satisfaz a uma exigência superior do espírito (BRITO, 2006, p. 90).

Nesse ponto, façamos uma pequena digressão sobre a utilidade. Para que algo seja “útil”, este algo precisa ser considerado em função de uma ação que se possa realizar com ele. Por exemplo: a cadeira é útil porque está em função de alguém sentar, um apagador é útil porque está em função de apagar, uma caneta é útil porque está em função de escrever. Assim, caso consideremos a cadeira, o apagador ou a caneta apenas por sua utilidade, quando ocorrer de esses objetos perderem a sua função, eles imediatamente serão descartados e substituídos por outros. Contudo, suponhamos que uma caneta tenha sido dada de presente pela avó no seu último momento de vida dela. Com certeza, esta caneta terá um valor sentimental e, mesmo quando a caneta perder as suas funções, ela não perderá o seu valor, de modo que não é descartável e muito menos substituível. Nesse último caso, podemos dizer que a caneta não é “útil”, mas é “importante”. Quando exportamos alguns produtos, enviamos para fora do Brasil, mas quando “trazemos para dentro” do Brasil, dizemos que é estamos “importando”. Assim, o importante é aquilo que “trazemos para dentro”, para o “nosso interior”. Farias Brito continua considerando que a arte tem uma “utilidade de outra ordem”, mas prefiro usar o termo “importante”.

A arte do belo, se bem que não tenha uma utilidade imediata pessoal ou material, não deixa por isto de ter uma utilidade de outra ordem, impessoal ou espiritual, mais profunda e elevada, e, sem dúvida, mais eficaz, correspondendo a um instinto superior que impulsiona a vida (...) A arte, assim entendida, é tudo o que pode causar uma emoção estética, tudo o que é capaz de emocionar suavemente a nossa sensibilidade, dando a volúpia do sonho e da harmonia (BRITO, 2006, p. 90-91).

Assim também ocorre com a arte. Quando uma pintura de um quadro apenas realiza a função de decorar uma casa, basta que perca a sua função para ser descartado. Contudo, um quadro que desperta emoções no seu dono é mais difícil de ser substituído. As situações em que alguém se desfaz de alguma “arte estética” são muito difíceis para o indivíduo na medida em que toca as emoções dele. Muitos possuem dificuldades para se desapegar e, quando desapegam, é como se ocorresse algo internamente, como a perda de algo interno. Sendo assim, esta “arte estética” não é útil, mas é importante, pois, embora não tenha utilidade imediata e material, satisfaz uma exigência necessária do espírito. Nas palavras de Farias Brito, a arte é “a energia criadora do ideal” (BRITO, 2006, Cap.4, p. 91), que é o sonho de perfeição de toda a verdade, justiça, virtude e amor e de tudo o que é mais puro na natureza humana. Assim, a arte pode ser considerada como aquilo que é mais essencialmente espiritual entre as produções humanas.

As artes e a psicologia têm exatamente isso de comum, o fato de serem espirituais, além de se fundamentarem no mesmo princípio, o princípio da intuição, de modo que possam ter mesmo destino e finalidade. Para Farias Brito, uma “intuição” nada mais é do que a “ação interior” antes de qualquer discurso, de modo que podemos ter “intuições conceituais” do intelecto humano e podemos ter “intuições instintivas” da sensibilidade. Desse modo, a arte está para a psicologia como o instinto está para a inteligência. Assim, a psicologia é consciente, mas a arte é inconsciente, mas é profética quanto a nossa realidade interna. A psicologia é ciência na medida em que desvela o conhecimento sobre o espírito, mas a arte é instinto, por mostrar as inspirações que denotam o mais profundo do nosso ser.

Há criações poéticas que são altamente significativas, e pode dizer-se que um Hamleto, um rei Lear, o Tartufo de Molière, o Fausto de Goethe, têm mais vida e realidade que muitas figuras históricas de valor, aliás, não secundário. É que essas criações, de si mesmas, são fenômenos psíquicos, manifestações profundas da alma mesma do homem; o que prova que a arte é, por si própria, um poderoso instrumento de análise psicológica (BRITO, 2006, p. 78).

A arte se torna necessária para a nossa natureza exatamente pelo fato de a psicologia, como ciência, ser muito limitada, pois os fenômenos interiores não podem ser analisados tal como ocorre com os exteriores. Os fenômenos exteriores que são frutos ou efeitos da consciência (e não a consciência em si), como comportamentos e atitudes, embora estejam em constante mudança, também obedecem a uma determinada ordem e, a partir dela, é possível inferirmos ou percebermos regularidades nos fenômenos. Considerando essas “regularidades”, os psicólogos behavioristas (ou comportamentalistas) posteriores a Farias Brito consideravam que essa metodologia (com análises dos comportamentos para sabermos o que ocorre na consciência) poderia ser comparada como uma metodologia com tendências positivistas. Desse modo, embora Brito não tenha conhecido o behaviorismo, podemos estender a esse movimento todas as críticas feitas contra o positivismo de Augusto Comte (1990), que era o ideal de ciência da época dele.

Na verdade, os fenômenos interiores não possuem toda essa ordem e regularidade com previsão completamente segura, tal como ocorre nas ciências naturais. Não podemos esquecer que, com a liberdade humana, o ser humano pode decidir agir contra a correnteza, isto é, contra as determinações da natureza. De fato, para manter uma posição behaviorista, por exemplo, Skinner (1983) chegou a defender que não existe liberdade. Assim, caso consideremos a liberdade humana, bem como todos os fenômenos internos da consciência manifestados pela arte estética, é

impossível haver uma construção exata de leis que regem os comportamentos humanos. Mesmo que conheçamos bem um indivíduo com suas reações, é possível que ocorra um imprevisto, de modo que se modifique toda a estrutura que já tínhamos estabelecido.

Tendência Existencialista com o Sentimento de Crise

Todo ser humano entra em crise quando não percebe que consegue resolver alguns dos seus problemas. O principal problema é a morte. Nesse ponto, alguém poderia dizer que todos nós temos certeza de que morreremos, mas a morte pode ser considerada apenas como um fenômeno físico, e não espiritual:

A morte não é fenômeno do espírito, mas da matéria. É por isto que a sua previsão é possível. (...) A morte é o desenlace final desse drama sanguinolento em que se resolve a vida de cada organismo. Mas esse desenlace mesmo, se bem que possa ser previsto com certeza, todavia fica sempre envolvido no mistério quanto às condições em que terá de realizar-se, nem poderá ser determinado o momento preciso em que deverá chegar para cada um a crise terrível: o que prova que na própria morte, por isto mesmo que está em ligação imediata com a vida do espírito, existe um certo grau de liberdade (BRITO, 2006, p. 93).

Como podemos ver nessa citação, apesar de sabermos com certeza que morreremos, não podemos saber exatamente quais serão as condições de nossa morte e nem o momento dela. Ora, diferente disso seria quando sabemos com certeza absoluta o que vai acontecer, nós estamos num âmbito meramente do mecanicismo determinista das ciências exatas. Nesse âmbito certezas absolutas, não há liberdade, há apenas uma única opção. Só há uma resposta certa. Uma pessoa somente tem liberdade no momento em que tem opções, sob as quais exercerá o seu poder de decisão e escolha. O fato de não sabermos com certeza a maneira como ocorrerá a nossa morte nos deixa diante de várias situações possíveis. É justamente o fato de estar diante de opções possíveis que Farias Brito considerou que temos um certo “grau de liberdade”.

Diante disso, Farias Brito expressa o seu sentimento de crise quando diz que a morte é uma “crise terrível”, o que o aproxima do modo de problematizar do existencialismo, como afirmou Fred Gillete Sturm (1962). A resposta ao problema, segundo o filósofo brasileiro, é a liberdade, pois esta separa o que é material do espiritual. Na matéria, há um constante determinismo causal, mas no espírito, em virtude da liberdade, não há determinismo. Tal pensamento é bem próximo do existencialismo de Sartre (1973), considerando que a liberdade é a base. Segundo Sartre, primeiro existimos e agimos livremente no mundo e, somente depois, de acordo com as nossas ações é que nós somos definições essencialmente. Assim, a existência vem antes da essência, daí o nome existencialismo. Para contextualizar melhor, é preciso dizer que o existencialismo fazia oposição ao essencialismo, que sustentava que primeiramente precisamos pensar nas nossas pré-definições essenciais para depois agir (com menos liberdade) conforme as limitações que essas pré-definições determinam. Fica claro que, ao enfatizar a liberdade, bem como Farias Brito demonstra uma clara aproximação do existencialismo.

A liberdade – eis realmente o fato decisivo que marca a separação absoluta entre o espírito e a matéria. Nos fenômenos da matéria dominam a mais absoluta necessidade e o mais inflexível determinismo; nos fenômenos do espírito o princípio que se deve reconhecer como lei primordial e tudo domina é a liberdade. (...) E isto significa que a vida é uma evolução; mas

significa também que essa evolução é ao mesmo tempo uma criação. E realmente viver é criar. Mas é preciso, além disto, reconhecer que criar é ser livre; o que só por si faz patente que há alguma coisa na vida que escapa a toda a determinação. É a razão por que toda a vida começa envolvida no mistério, e termina, do mesmo modo, envolvendo-se de novo no mistério (BRITO, 2006, p. 93-94).

Assim, na medida em que ocorre uma evolução com a construção do ser ser, o ser humano é um ser livre, de modo que toda a previsão é impossível. A vida começa e termina num mistério. Farias Brito afirma: "... a vida é força criadora: e por isto o que a caracteriza na sua evolução é o imprevisto" (BRITO, 2006, Cap.4). Deste modo, a cada dia temos uma surpresa, que nos molda, modifica e também nos torna criadores de nós mesmos. Cada criança que nasce é uma nova força criadora acompanhada da promessa de novas revelações da verdade e de práticas que vão marcar os outros de acordo com a influência que irá exercer. Contudo, nada se pode saber, com certeza, de seu futuro e de seu destino. Eis que surge o sentimento de crise:

De maneira que tudo é incerto na vida, e ainda nas coisas que nos parecem mais claras, a todo o momento zomba de nós o destino, entregando-nos inermes ao juguete de forças desconhecidas. Vagamos como sombras na noite do mistério e em vão soltamos queixas e gemidos em face do impenetrável que nos aterra; incertos do nosso destino; perdidos na imensidade do espaço e no do tempo; certos somente da fragilidade de nossa existência e da morte inflexível que nos aguarda (BRITO, 2006, p. 94-95).

Nesse aspecto de incertezas de nossa vida, onde temos muitos caminhos possíveis e podemos estar seguindo por um caminho de nossa vida que nos leva mais rápido para a morte, ao invés de seguir o caminho que nos afasta. Ou ainda: já que é impossível evitar a morte, talvez exista um caminho que me leve a uma morte tranquila (ou heroica, significativa) e eu posso não estar seguindo por esse caminho. É por causa dessa incerteza que surge o sentimento de crise existencial no ser humano, a qual, novamente, pode ser associada ao sentimento de angústia ou náusea entre existencialistas do século XX, mas não entrarei em detalhes no momento.

Pelo que fica exposto torna-se visível o caráter superior, incomparável, supremo da Psicologia. Mas também vê-se que é daí que vem a sua imperfeição radical e irremediável, porque na Psicologia, sendo toda a previsão impossível, jamais poderemos chegar à certeza absoluta, e não há cálculo que não seja falível. É por isto que em auxílio do trabalho da ciência, sempre imperfeita, sempre deficiente e incompleta, necessário é que venha a inspiração da arte, dando mais vigor e mais fé à orientação da inteligência, com a visão subconsciente, mas luminosa, do instinto (BRITO, 2006, p. 95-96).

Portanto, ao lidar com a liberdade e com esse sentimento de crise, fica claro que a Psicologia nunca poderá ser reduzida a sistematizações rigorosas e a fórmulas precisas, como ocorre na ciência da matéria. O que se deve conhecer não é o arquivo, como nas ciências da matéria, mas o arquivista. A Psicologia não se aprende nos livros, mas na vida. Como diz Farias Brito, a Psicologia é a "ciência que faz parte orgânica daquele que a possui" (BRITO, 2006, Cap.4), ou seja, a Psicologia é parte integrante do ser humano, na medida em que se observa a grande importância da psicologia e seu caráter fundamental sobre as outras ciências. Contudo, não podemos nos esquecer da limitação da inexatidão de qualquer ciência humana, tal

como é o caso da Psicologia, pois nunca poderemos realizar previsões com certezas absolutas, tal como nas ciências exatas. É nesse momento que se faz necessária a arte quando dá mais vigor e mais fé à inteligência, com as visões luminosas do instinto, cuja finalidade é auxiliar a ciência psíquica, orientando com eficácia e segurança o governo humano.

Considerações Finais

Embora alguns críticos tenham defendido que a obra de Raimundo Farias Brito nada tem a ver com a realidade brasileira, não é correto defender essa tese. Pode-se observar nas suas obras alguns traços profundos dos problemas políticos e sociais da nova república brasileira, bem como se verifica a crise nacional e europeia desde o Renascimento. Ele não concordou plenamente com as novas diretrizes no campo intelectual e político levantando-se abertamente em protesto construtivo. Assim, buscou um critério que conduza a regeneração moral para reconstruir a ordem social, não só brasileira, mas de toda a sociedade, que estava em crise.

Sendo assim, o filósofo brasileiro pode ser associado à perspectiva existencialista por causa de seu sentimento de crise que estaria assolando a sociedade brasileira. Ora, o modo existencialista de fazer perguntas e a análise existencialista da condição humana mostram um sentido de “crise”, já que o homem possui uma existência precária com dores e sofrimentos, culminando na morte. Então, uma vez que a consciência de “crise” de Farias Brito, seja individual ou social, está sempre presente, vimos que foi possível traçar um paralelo entre o seu modo de perguntar e analisar o ser humano com o existencialismo.

Além disso, o método da introspecção de Farias Brito e a fenomenologia são semelhantes, pois analisam a experiência do ponto de vista do sujeito e permite uma análise do sujeito transcendental. Em ambos os métodos, o sentido de “experiência” é bem amplo, pois não se limita a experiência dos sentidos. Assim, o modo de análise e de solução de problemas pode ser útil em diversos campos de pesquisa, dentre eles está a Psicologia, importante para o filósofo cearense. O pensamento britiano se preocupava com a compreensão completa da natureza humana e do espírito humano na realidade histórica e universal.

Sendo assim, ele se esbarrava com um problema que é o valor da experiência espiritual, ou seja, da consciência. Nesse ponto, a Arte irá desempenhar um papel fundamental na medida em que expressa e afeta a nossa natureza interior. Assim, a Arte tem mais poder de nos proporcionar conhecimento de Psicologia do que uma ciência materialista da Psicologia. A Ciência se preocupa unicamente com a verdade e com interpretação pura e simples da realidade material e física, de modo que o simbolismo, os personagens artísticos e as aspirações humanas ficam fora do seu domínio. Somente a Arte poderá lidar corretamente com as nossas emoções e aspirações, de modo que o psicólogo precisa estar atento para as manifestações artísticas de seus pacientes, mais do que a qualquer coisa. Ao dar a devida atenção às manifestações estéticas, o psicólogo pode tentar identificar características mais ou menos frequentes que sirvam de padrões de direcionamento para um melhor tratamento da mente humana.

Ninguém pode negar que esses fenômenos artísticos existem e, uma vez que existem (nem que seja internamente numa mente), eles devem ser analisados. Para analisá-los, não basta apenas às experiências sensoriais, já que não é pelos cinco sentidos que temos essas experiências subjetivas. Assim, é necessário um método que abranja esse tipo de experiência subjetiva interna da consciência. Isso foi o que Farias Brito tentou fazer quando desenvolveu o método da introspecção, o qual guarda algumas semelhanças com a fenomenologia. O interessante é que o método da

introspecção poderá ser aplicado desde a Arte até à Lógica, enquanto ambas as áreas lidam com fenômenos internos da mente.

Portanto, dentro das limitações e das concepções de seu tempo, Raimundo de Farias Brito concluiu que é a Psicologia que resolverá o problema do espírito. Sem nunca esquecer da existência real e substancial do corpo e do espírito, Farias Brito se importa principalmente com os dados da experiência fenomenal, de modo semelhante à prática da epoché de Husserl. Levando isso em consideração, é somente a partir da experiência subjetiva (sentir, perceber, agir e reagir) do espírito humano que será possível fazer uma psicologia propriamente dita.

Sobre o artigo

Recebido: 10/10/2023

Aceito: 16/11/2023

Referências bibliográficas

BRITO, R. de F. **O Mundo Interior**. Edições do Senado Federal. Brasília, 2006. Disponível na internet. O último acesso ocorreu em 20/07/2024 no link:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/519118/MundoInterior.pdf?sequence=4>

CALABRIA, Olavo P. A Distinção Kantiana entre Aparecimento e Fenômeno. **Kant e-Prints** (Online), v. 1, p. 119-126, 2006.

CERQUEIRA, L. A. **Gonçalves de Magalhães como Fundador da Filosofia Brasileira**. Petrópolis, 2004.

COMTE, A. **Discurso sobre o Espírito Positivo**. São Paulo: M. Fontes, 1990.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. In: Os Pensadores. Trad. Bento Prado Jr e Jacó Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HENRI, B. **Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência**. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

HUSSERL E. **La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendentale**. Paris: Gallimard, 1976.

JAMES, W. A Plea for Psychology as a "Natural Science". In: Burkhardt, F.; Bowers, F.; Skrupskelis, I. K. (Ed.). **Essays in psychology**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983 [1892]. p. 270-7.

KANT, I. Crítica da Razão Pura. In: **Os Pensadores**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KRIPKE, S.A. **Naming and Necessity**. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1980.

LEBRUN, G. **Kant et la Fin de la Métaphysique**. Paris: Armand Colin, 1970.

MAGALHÃES, D. J. G, et al. Resumo da História da Literatura, das Ciências e das Artes no Brasil. In: **Crítica literária romântica no Brasil: primeiras manifestações**. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, vol., 5, nº 2. Porto Alegre: PUCRS, pp. 9-17, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Tradução de Vergílio Ferreira. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SKINNER, B. F. **O Mito da Liberdade**. São Paulo, SP: Summus, 1983.

STURM, F. G. O Significado Atual do Pensamento Britânico. In: **Anais do IV Congresso Nacional de Filosofia**. São Paulo- Fortaleza, 1962, p. 85-106. Disponível na internet. O último acesso ocorreu em 20/07/2024 no link a seguir: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com.br/2008/06/o-significado-atual-do-pensamento.html>.

TEJADA, F. E. de. **Las Doctrinas Políticas de Raimundo de Farias Brito**. Escuela de Estudios Hispano Americanos. Sevilla, 1953.